

Editorial

Leitura visual e educação estética

Este segundo número da Revista GEARTE de 2015 enfoca leitura visual e educação estética, dois grandes temas que se entrecruzam e se imbricam. A leitura visual tem sido muito problematizada no ensino da arte através de diferentes enfoques teóricos e de práxis que envolvem imagens de obras de arte, da cultura visual, audiovisuais, produções da mídia impressa, on-line e televisiva. Já em relação à educação estética, presente de forma implícita nessas práticas, a reflexão é incipiente. Poucos trabalhos abordam como se constitui o processo de desenvolvimento do pensamento estético do leitor, tanto no ensino formal como no cotidiano. E, considerando que o aluno/leitor contemporâneo tem características distintas dos alunos de poucos anos atrás, é importante refletir sobre seus modos de construir conhecimento visual. Hoje o aluno aprende muito mais pela visualidade do que pela linearidade da palavra escrita, e desde muito cedo a criança interage com a imagem, principalmente a digital. A interação com a visualidade tem motivado pesquisas no contexto da educação formal e, particularmente, no ensino da arte.

Os textos que compõem esta publicação buscam discutir as mudanças que ocorreram no ensino da arte e na nossa forma de olhar propiciadas pelas muitas informações visuais presentes no contexto contemporâneo, bem como pela interação com diferentes mídias. A partir de perspectivas teóricas diversas, há um alinhamento nos textos quanto à temática, considerando, em especial, as transformações provocadas pelo modo como interagimos com as produções visuais no presente. Há em comum nos trabalhos deste número a concepção de que a educação estética não é apenas uma matéria a ser ensinada, mas um meio de proporcionar ao estudante/leitor/visitante habilidades para ler e usufruir da imagem de modo

significativo; uma forma de contribuir para que seus encontros, quer com a arte, quer com outras imagens, gerem compreensões que enriqueçam sua visão de mundo e que sejam algo relevante em sua vida.

No instigante texto *Os novos discursos sobre arte, agora escritos pelos artistas*, João Paulo Queiroz, artista e professor da Universidade de Lisboa (Portugal), aborda as transformações que ocorreram no campo da arte a partir de mudanças no discurso sobre arte, na formação dos artistas e na ação dos artistas. O contexto que propiciou tais reflexões sobre os novos paradigmas do discurso artístico está vinculado aos congressos *Criadores Sobre outras Obras* (CSO), realizados anualmente em Lisboa de 2010 a 2015, e às publicações relacionadas a tais eventos (*Revista Estúdio*, *Revista Gama* e *Revista Cromo*), ambos organizados por Queiroz. O autor faz uma revisão da evolução dos congressos e mostra que houve um deslocamento de um discurso artístico centrado na História da Arte para um discurso que envolve objetos de estudo da sociologia, da antropologia, da psicologia social e da semiologia, integrando manifestações da cultura pop e os estudos da Escola de Frankfurt. O texto reflete sobre esse reposicionamento de referências e de alteração de paradigmas que favorece perspectivas interdisciplinares contemporâneas como os Estudos Culturais e a Cultura Visual. Observa que a formação artística em Escolas e Academias, muito criticada na modernidade, hoje contempla não só a graduação, em diferentes escolas e locais, como também a pós-graduação, o que faz com que o discurso do artista sobre arte seja mais informado e competente na sua verbalização. E ressalta, ainda, as alterações no modo como o artista se relaciona com o seu trabalho e com o público fazendo uso de plataformas de disseminação, projetos editoriais, galerias, residências, associações, ateliers. Conforme o autor, “o artista tornou-se um gestor cultural com competências curatoriais”.

Sandra Regina Ramalho e Oliveira, professora e pesquisadora da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), no texto *Leitura de imagem, e não só: leitura da vida* revisita questões de pesquisa que a acompanham em suas investigações, mostrando como foi adensando tais problemáticas com base nos estudos da semiótica discursiva pós-greimasiana. A autora refere sua tese de doutorado, defendida no final dos anos de 1990, cujo foco estava no acesso – não apenas no contato – aos bens

estéticos e articula com as discussões contemporâneas do ensino da arte. Para contribuir com tais problemáticas, e como desdobramentos de seu trabalho, traz uma proposta de leitura de imagens em que retoma tanto os conceitos de estético e artístico como o de imagem. A autora aponta que a leitura de imagem deveria ser um conteúdo obrigatório não só no ensino da arte, mas também para diferentes áreas de formação.

Em *Enredamentos entre leitura de imagens, produção de sentidos e politicidade* Sonia Tramujas Vasconcellos, professora da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) e Tânia Maria Baibich, professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR), abordam a produção e a leitura de imagens nas aulas de Arte, considerando o visível e o dizível, a aparência e a opacidade, o que requer leitura de formas e de discursos. As autoras ressaltam a importância da articulação entre os códigos artísticos sistematizados historicamente e os repertórios pessoais, da mídia e de contextos específicos para um ensino diferenciado, com distintos modos de apropriação, de questionamento e de representação de conteúdos e de conhecimentos. Discutem a influência do modernismo na hierarquização e invisibilidade de determinados discursos artísticos, apontando as consequências da pós-modernidade para o surgimento de outros discursos e processos de leitura de imagens.

Paula Mastroberti, artista plástica, escritora, ilustradora, quadrinista e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em *A publicidade como arte e cultura, e não por acaso* discute um modo de pensar educador que, apoiado nos Estudos Culturais Visuais, vincula-se a uma visão adorniana que opõe a indústria e o consumo cultural à experiência da arte. O texto reflete sobre questões que surgiram nas aulas ministradas pela autora, no Curso de Licenciatura em Artes Visuais, acerca da forma como aderimos, sem problematizar, a certas pedagogias desviadas do sentido primeiro dos estudos culturais *midiáticos* – o de diluir as fronteiras entre os diferentes sistemas artísticos culturais, democratizando e ampliando o conceito de arte. Conforme a autora, tais desvios ocorrem na apropriação dos objetos culturais midiáticos considerando-os ora como escada para aperfeiçoamento do conhecimento da “verdadeira arte”, ora como nocivos à formação

estética e psicológica de crianças e adolescentes. Ao tomar por temas a publicidade como arte e o consumo conspícuo como lazer cultural, a autora defende uma educação crítica para a cultura e a arte em todas as suas instâncias.

O artigo *Produção de sentido: imagem, arte e mistura de corpos* de Alberto Coelho, professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSUL), enfoca um estudo teórico sobre produção de sentido e imagem, articulando as relações artista e espectador/professor de arte e aluno. O autor destaca que a imagem está presente em nosso cotidiano, sem, no entanto, questionarmos o que sabemos dela e “como” ela dialoga com as condições de uma vida digital em desenvolvimento. O texto trata do funcionamento do *sentido* em propostas artísticas e em práticas pedagógicas, atento aos pontos de conexão entre essas experiências. Para tal aborda a imagem na contemporaneidade e o conceito de *sentido* a partir da obra “Lógica do Sentido” de Gilles Deleuze, visando a encaminhar um estudo sobre situações que promovem o sentido como produção de atos de criação com a imagem e a arte. O artigo busca, assim, problematizar a produção de sentido com arte como *mistura de corpos*, cujos efeitos causam acontecimentos.

Em *Reflexões sobre a experiência estética na educação*, Gilvânia Maurício Dias de Pontes, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), trata de algumas interfaces entre as teorias de Dewey e Merleau-Ponty, apontando possíveis desdobramentos e contribuições para organização de práticas docentes que se preocupem com a educação estética de crianças. Para abordar os significados de experiência estética, opta pelos estudos desses dois autores, que se debruçam sobre o conceito de experiência estética, considerando as relações que o sujeito estabelece em seu contato significativo no e com o mundo que o cerca. Dessa forma, a autora enfoca a dimensão estética como parte da experiência vivida, que ocorre no encontro entre o sujeito e o mundo como uma contribuição significativa às práticas docentes que enfatizam a educação estética de crianças.

No artigo *Leitura visual e educação estética de crianças*, Maria Helena Wagner Rossi, professora na Universidade de Caxias do Sul (UCS), tece relações entre leitura visual e educação estética de crianças a partir de pesquisas realizadas nessa Universidade – fundamentadas em Parsons, Housen, Sanger e Freeman. Excertos de

leituras de imagens de crianças da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental são apresentados para explicitar as características do pensamento estético infantil. A autora tece críticas a abordagens que não respeitam a construção do conhecimento de crianças por desconsiderar seus limites e possibilidades no domínio da leitura de imagem. Argumenta que a mediação estética pode ser adequada e significativa para as crianças desde que considere a natureza do seu pensamento estético. Complementando essa argumentação, traz algumas pistas sobre abordagens de leitura de imagens e discussão estética para inspirar esse respeito aos modos de ler das crianças.

Por fim, Ana Mae Barbosa, professora e pesquisadora da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Anhembi Morumbi (UAM), e Sidiney Peterson Ferreira de Lima, pesquisador independente, nos brindam com o belo ensaio visual *Escolinha de Arte de São Paulo em três capítulos. Primeiro Capítulo: Sequencialidade*, no qual apresentam a Escolinha de Arte de São Paulo - uma experiência no campo de ensino da Arte que durou de março de 1968 a junho de 1971. Segundo os autores, a Escolinha foi um laboratório de pesquisa para as teorias da época e de práticas antecipatórias como a de ensinar todas as Artes, através de um só professor e de interdisciplinarizar as Artes ensinadas por diferentes professores especializados reunidos em torno de uma situação-problema comum a todos. Seu grupo de professores era contra a separação entre conteúdo e forma, por isso não trabalhava com temas, mas com situações problematizadoras. Os autores mencionam que eram feitas observações do processo de cada criança para estudar a sequencialidade de sua construção gráfica. Destacam, também, que eram realizadas associações cognitivas e visuais, da Arte com o Design e da Arte com imagens de outras mídias, através de diálogos críticos e questionadores, não só gráficos e plásticos, mas verbais também.

Gostaríamos de agradecer aos autores que participam deste número da Revista, com artigos que provocam discussões acerca da leitura visual e da educação estética, a partir de distintas perspectivas teóricas; a Ana Mae Barbosa e ao Sidiney Peterson Ferreira de Lima pelo ensaio visual; aos avaliadores e aos revisores; a

Umbelina Barreto pelo design da capa; e à equipe do GEARTE, que tem se empenhado na produção e publicação da Revista.

Desejamos uma boa e instigante leitura!

Analice Dutra Pillar e Maria Helena Wagner Rossi